

A VARIAÇÃO LEXICAL DA EXPRESSÃO MAU CHEIRO NO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA/PA

Iara Taylane Oliveira Cardoso¹
Orientador Jair Francisco Cecim da Silva²

RESUMO: Este artigo buscou identificar e analisar as variações lexicais da expressão “mau cheiro”, sob perspectiva da Sociolinguística Variacionista, dentro da cidade de Bragança/PA. O estudo teve como objetivos específicos examinar as variantes em relação aos fatores como faixa etária, sexo/gênero e status socioeconômico dos colaboradores e contribuir para ensino aprendizagem da língua por meio da variação diatópica “regional”. Sendo utilizado a pesquisa de campo como metodologia, em termos de dados quantitativos e questões de caráter qualitativo, os quais foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizam-se autores como Tarallo e Altman (1987), Prodanov e Freitas (2013) e Marconi e Lakatos (2018). Com base nisso, a fundamentação teórica pauta-se principalmente nos estudos de Alkmim (2001), Labov (2008), Mollica (2015), Coelho (2015), Machado (2024) e Costa (2024), que nortearão todo o processo da pesquisa. Por fim, constatou-se a ocorrência de diferentes variantes lexicais como *fedendo*, *fedor*, *pitiú*, *fedida*, além de formas menos frequentes como *inhaca*, *catinga* e *murrinha*, que se mostraram importantes em momentos específicos às diversas situações. Dessa forma, verificou-se, especialmente, que a variante *pitiú* apresentou uma forte relação com aspectos culturais, ligado à atividade pesqueira. Portanto, apesar de apresentar poucos dados, o estudo contribuiu para a compreensão da diversidade lexical no município e para a valorização do patrimônio linguístico bragantino.

Palavras-chaves: Sociolinguística Variacionista. Variação lexical. Bragança/PA. Mau cheiro.

ABSTRACT: This article aimed to identify and analyze the lexical variations of the expression “mau cheiro” from the perspective of Variationist Sociolinguistics in the city of Bragança/PA. Its specific objectives were to examine these variants in relation to factors such as the age group, sex/gender, and socioeconomic status of the participants, as well as to contribute to language teaching and learning through diatopic "regional" variation. Using field research as the methodology involving both quantitative data and qualitative questions obtained through semi-structured interviews the study draws on authors such as Tarallo and Altman (1987), Prodanov and Freitas (2013), and Marconi and Lakatos (2018). Based on this, the theoretical framework is grounded mainly in the studies of Alkmim (2001), Labov (2008), Mollica (2015), Coelho (2015), Machado (2024), and Costa (2024), which guided the entire research process. Finally, the study identified the occurrence of different lexical variants such as *fedendo*, *fedor*, *pitiú*, and *fedida*, alongside less frequent forms like *inhaca*, *catinga*, and *murrinha*, which proved to be important in specific moments across various situations. Thus, it was particularly observed that the variant *pitiú* showed a strong relationship with cultural aspects linked to fishing activities. Therefore, despite the limited amount of data, the study contributes to the understanding of lexical diversity in the municipality and to the appreciation of Bragança's linguistic heritage.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Lexical variation. Bragança/PA. Bad smell.

¹ Acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Bragança. Email: iara.cardoso@braganca.ufpa.br

² Professor Doutor da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança Email: cecim@ufpa.br

INTRODUÇÃO

As transformações que ocorrem na língua, refletem as questões históricas, sociais e culturais das comunidades que a utilizam. Assim, consolida-se a Sociolinguística, cujo intuito é buscar compreender o seu funcionamento em contexto social de uso, ou seja, “(...) estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (Coelho et al, 2025, p.7). Assim, os estudos que partem desse campo linguístico evidenciam a heterogeneidade presente nela e além disso mostram o porquê as diversas situações influenciam na escolha linguística.

No âmbito desta subárea, delimita-se como foco desta pesquisa a variação lexical, esta que refere-se às possibilidades de uso de vários termos/palavras para se mencionar a um mesmo referente. Na amazônia oriental, em especificamente no estado do Pará, têm surgido pesquisas que descrevem o léxico regional, como o estudo de Costa (2024) que é desenvolvido por meio de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no qual foi identificado várias designações do item lexical “feitiço” - como macumba, despacho, trabalho, bruxaria e mandinga, revelando influências históricas, culturais e sociais particular da nossa região amazônica. Embora tenham crescido trabalhos como este, ainda há lacunas quando se pensa em estudar, descrever e analisar as variações lexicais no município de Bragança.

É nesse contexto, que o presente trabalho se insere, desenvolvido por meio do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará (UFPA), como bolsista (PIBIC). Nesse sentido, o estudo pretende analisar as variações do item lexical “mau cheiro” no município de Bragança, localizado no nordeste do estado do Pará. Além disso, tem como objetivos específicos examinar as variantes em relação aos fatores como faixa etária, sexo/gênero e status socioeconômico dos colaboradores e contribuir para ensino aprendizagem da língua por meio da variação diatópica “regional”.

A escolha da cidade de Bragança, como local da pesquisa, se justifica por ser um município histórico com mais de 400 anos de ocupação, tradicional polo pesqueiro do estado, que poderá oferecer uma chance única de investigar como a variação se manifesta em um contexto regional específico, assegurando uma visão detalhada das características linguísticas próprias do município.

O português brasileiro, que abrange um imenso conjunto de variações, nos instiga a identificar suas particularidades e observar as variantes utilizadas em um município tradicional por conta da sua sócio-história e ancestralidade contribui para o enriquecimento

do conhecimento sobre a diversidade linguística do país.

O levantamento das variantes usadas para expressar “mau cheiro” poderá expor informações poderosas sobre a influência de aspectos como a convivência social e as práticas culturais no desenvolvimento. Portanto, a realização deste estudo é justificável não apenas pelo valor acadêmico em engrandecer noções acerca da variação lexical no português brasileiro, mas também pela potencialidade de colaborar para futuras pesquisas no campo da sociolinguística. Também mostrar a importância das variações linguísticas para o pleno desenvolvimento, evolução e uso da língua e seus usuários no contexto mais geral da sociedade bragantina, paraense e brasileira.

Diante disso, o presente texto está organizado da seguinte forma: o referencial teórico, a metodologia, análise e discussão de dados e considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística, campo da linguística que abrange estudos que revelam não somente como a língua é heterogênea, mas que também nos mostra que o contexto social no qual os indivíduos estão inseridos, pode moldar a maneira como eles enxergam e utilizam a língua. Assim, esta subárea “(...) considera em especial como o objeto de estudo exatamente a variação (...) passível de ser descrita e analisada cientificamente” (Mollica, 2015, p.9-10), nesse sentido, este campo específico compreende que as diferenças previamente observadas no modo de falar das pessoas não são desvios, justamente por terem como base a ideia de que, assim como pontua Coelho (2015, p.7):

(...) é preciso nos desfazermos de algumas eventuais noções pré-concebidas. É necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e a mudar. É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros. Para conhecer a Sociolinguística, é necessário, antes de mais nada, “abrir a cabeça” para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo.

Nessa perspectiva, os autores questionam a concepção tradicional que trata a língua como um sistema já definido que não pode ser mutável, pois qualquer mudança poderá ser considerada como um desvio ou erro. Mas, ao destacarem que ela é viva e exatamente por isso é sujeita a modificações e que os usos linguísticos são de fato influenciados pela

realidade dos falantes, como suas experiências sociais e as diferentes formas de interação. Assim, no âmbito desse estudo, esse ponto de vista é essencial pois é a partir dele que se constata a análise das diferentes variantes lexicais empregadas para nomear a expressão “mau cheiro”.

Dessa maneira, a Sociolinguística é um campo de pesquisa muito amplo que busca entender como a língua funciona no seu contexto real de uso, ou seja, estudos voltados para esse viés surgem com o propósito de desconstruir a ideia de que a língua é imutável, assim entende-se que “Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações” (Alkmim, 2001, p.33).

Nesse caminho, nos deparamos com as variações linguísticas que podem ocorrer em diferentes níveis, um deles é a variação lexical, que é “(...) cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional” (Machado, 2024, p. 273), ou seja, nota-se que é possível fazer o uso de vários termos/palavras para se mencionar a um mesmo referente.

Partindo dessa lógica, o segundo objetivo específico deste trabalho que é relacionar as variantes lexicais a fatores históricos, sociais e culturais, considerando também os aspectos como idade, sexo/gênero e status socioeconômico, está fundamentado no modelo da Sociolinguística Variacionista, que vem se expandido desde os estudos de Labov (2008). Tal teoria parte da ideia de que a variação linguística não acontece de forma aleatória, pois:

(...) A variação no comportamento lingüístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento lingüístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social. (LABOV, 2008, p. 140)

Ou seja, a variação linguística é um reflexo das transformações sociais e exatamente por esta razão que a presente pesquisa se preocupa em fazer essa relação, já que, a heterogeneidade estruturada é condicionada por esses aspectos que como elementos que direcionam os falantes ao fazerem suas escolhas linguísticas dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, o estudo sobre a variação lexical é importante para ampliar o conhecimento acerca da linguística, pois “(...) pode revelar marcas culturais próprias de determinados grupos sociais e de diferentes regiões geográficas do país” (Costa, 2024, p.182).

METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo se baseia metodologicamente na pesquisa de campo, que de acordo com os autores Prodanov e Freitas (2013), é utilizada para adquirir conhecimentos ou informações acerca de uma hipótese que se quer analisar e comprovar ou procurar respostas para os problemas que se quer resolver, tendo característica mista entre qualitativa e quantitativa, que, segundo Tarallo e Altmam (1987, p.44), refere-se a “ [...] permite que o pesquisador combine a solidez da análise estatística com a riqueza descritiva dos dados qualitativos, proporcionando uma visão mais completa da variação linguística.”

Em concordância com os autores citados acima, Prodanov e Freitas (2013, p.69-70) definem os dois tipos de pesquisas da seguinte forma:

- a) Pesquisa quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (...)
- b) Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Assim, podemos definir que a pesquisa quantitativa enxerga os fenômenos da realidade como algo a ser expressado numericamente, ou seja, o foco é na análise estatística. Já a qualitativa, os dados não se limitam apenas aos números, mas “(...) focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada” (Marconi e Lakatus, 2017, p. 387) pois é nela que analisamos e interpretamos os fenômenos, assim como ocorrerá nesta pesquisa. Para as etapas de coleta, sistematização e análise dos dados, serão utilizados os pressupostos da sociolinguística variacionista. Segundo Tarallo (1986, p. 18):

O modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente. (...) o objeto - o fato linguístico - é o ponto de partida e, uma vez mais, um porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontrarmos dificuldades de análise.

O autor enfatiza que não é adequado para uma análise linguística fazer modificações dos dados, é necessário assim, fazer uma análise rigorosa e fiel, pois o foco é observar a língua em seu uso real. Dessa forma, as análises irão refletir da maneira como ela realmente ocorre no contexto social. Em harmonia com o autor citado acima, Labov (2008, p. 21) ressalta a grandeza que é estudar a língua no contexto social, isto é, averiguar as relações entre as variações linguísticas com os fatores sociais, assim é preciso considerar como esses fatores podem influenciar no uso da língua em uma comunidade específica. Nesse sentido, a

análise dos dados será realizada com base na teoria da sociolinguística variacionista proposta por Labov (2008) e Tarallo (1986).

O universo da pesquisa será formado por moradores do município de Bragança/PA, englobando informantes com perfis sociais diferentes, levando em conta os critérios de análise expostos acima. O estudo contará com 11 colaboradores, os quais serão distribuídos entre homens e mulheres, em cinco faixas etárias: 18 a 26 anos, 27 a 36 anos, 37 a 46 anos, 47 a 56 anos e 57 anos ou mais, em dois níveis socioeconômicos, definidos a partir da escolaridade e ocupação.

Os dados serão coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, já que estas permitirão a exploração de perguntas previamente elaboradas, ao mesmo tempo em que irá proporcionar um aprofundamento em respostas espontâneas, assim como denomina Lombardi et al (2021, p. 38):

Ao selecionar a entrevista semiestruturada, também denominada “focalizada” por aquele autor, o pesquisador mira uma determinada experiência ou situação que deseja conhecer em profundidade e, de antemão, define tópicos e variáveis ancorados no seu problema e/ou nos objetivos da pesquisa, nas hipóteses que seu referencial teórico suscita ou no conhecimento prévio daquela situação.

Nesse sentido, optou-se por este tipo de entrevista, por permitir um aprofundamento de aspectos que possam surgir durante a conversa. Assim, as entrevistas contarão com o auxílio de recurso digital, como telefone celular, com o intuito de gravar em áudio as informações expostas pelos colaboradores, estes que receberam um termo de consentimento e livre esclarecimento (TCLE), garantindo os procedimentos éticos da pesquisa científica. Logo, para a realização da entrevista e registro dos dados foi utilizado o telefone celular Samsung, modelo Galaxy A32, 4 GB de memória RAM e com armazenamento interno 128 GB, sendo utilizado como uma ferramenta de apoio durante todo o processo das entrevistas.

Será feito um roteiro de perguntas, no qual as questões precisam ser objetivas e específicas, mas “suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade” (Duarte, 2006, p.3). Assim, pretende-se elaborar quatro perguntas, quantidade definida com o intuito de evitar o desgaste dos participantes e garantir uma coleta de dados mais tranquila. As perguntas elaboradas são: 1) Quando você sente um cheiro desagradável em alguém ou algo, o que costuma dizer? 2) Em que situação(ões) você utiliza a palavra pitiú/fedor/mau cheiro? 3) Você conhece alguém que costuma falar outras palavras além das três mencionadas na pergunta anterior? Se sua resposta for sim, diga qual seria essa palavra/expressão. 4) Na sua

opinião, o uso dessas palavras varia dependendo da idade, sexo/gênero ou região da pessoa? Porquê?

Essa limitação é estratégica para poupar transcrições muito longas, sem comprometer, logicamente, a qualidade dos dados obtidos. Dessa forma, como exemplifica Guazi (2021, p. 4):

Ao delimitar as questões do roteiro, identifique os objetivos de cada uma delas. Responda em relação a cada pergunta elaborada: que tipo de informação pode ser coletada por meio dessa questão? Por qual motivo essa informação interessa à pesquisa? Devem ser incluídas no roteiro apenas aquelas perguntas por meio das quais serão coletados os dados que possibilitarão a resolução do seu problema de pesquisa. No roteiro, evite o uso de linguagem técnica e priorize o uso de palavras e construções verbais que são rotineiras em nossas conversações; lembre-se que a linguagem deve ser adequada ao público-alvo para o qual a entrevista é dirigida.

Posteriormente, serão feitas transcrições grafemáticas dos dados e a partir delas serão apresentadas todas as variantes lexicais que foram identificadas e utilizadas pelos participantes por meio de tabelas que contribuam para melhor compreender estas variações. Após isso, fazer a relação dos dados com os fatores sociais, considerando os aspectos definidos nos objetivos específicos dessa pesquisa, como a faixa etária, sexo/gênero e status socioeconômico sob perspectiva da escolaridade e ocupação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste tópico, será apresentado uma análise dos resultados que foram obtidos por meio de pesquisa quantitativa e qualitativa, na qual entrevistas semiestruturadas foram feitas com roteiro de perguntas que impulsionaram os colaboradores a refletir sobre o tema que norteia este artigo. Inicialmente, será traçado o perfil dos entrevistados, após isso será exposto as variações encontradas para denominar a expressão mau cheiro, identificando a frequência com que é utilizada, relacionando com os fatores extralinguísticos, como faixa etária, sexo/gênero, nível de formação/escolaridade, profissão/ocupação. Além disso, é levado em consideração, caso o colaborador não for natural de local de pesquisa, o tempo de moradia.

Em relação ao perfil geral dos colaboradores, 11 participaram do roteiro de perguntas, dentre eles, 5 sendo do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Considerando que as faixas etárias são de 18 e 26 anos, das quais pertencem a 7 colaboradores; de 27 a 36 anos correspondem a 3 colaboradores; e de 47 a 56 anos correspondem a apenas 1 colaborador. As demais idades como a faixa etária entre 37 e 46 anos e entre 57 anos ou mais não participaram da entrevista previamente estabelecida.

Em questão da escolaridade, dos 11 colaboradores, apenas 1 participante possui o Ensino Fundamental Incompleto; 3 participantes possuem o Ensino Médio completo; 5 possuem o Ensino Superior Incompleto, tendo maior predominância; e apenas 2 participantes possuem o Ensino Superior Completo. Considerando também suas ocupações, 7 são estudantes; 1 é dona de casa; 1 é concurseira; 1 é artista; e 1 é recruta. Como a pesquisa ocorreu dentro da cidade de Bragança/PA, a entrevista também levou em consideração o tempo de vivência dos participantes, sendo flexível em destacar os que não são naturais do município.

Dito isso, de acordo com os resultados quantitativos, dos 11 colaboradores que participaram, 7 responderam que nasceram na cidade de Bragança; 3 responderam que não nasceram na cidade, mas que moram a mais de dez anos; e 1 participante que não nasceu no município, mas que mora a menos de dez anos.

Após apresentar o perfil dos colaboradores, será feita uma análise por meio de subtópicos os quais se relacionam com as perguntas mencionadas anteriormente na metodologia, que são importantes para identificar as variantes e em que momentos são utilizadas.

As variantes da expressão “mau cheiro”

De modo geral, a expressão mau cheiro, objeto da pesquisa, significa, de acordo com o dicionário português (2026) “odor desagradável, fétido ou repulsivo”, logo, a tabela 1, que será apresentada a seguir, expõe as respostas dos entrevistados em relação à primeira pergunta, a qual foi elaborada de acordo com o objetivo específico que é identificar as variantes lexicais desta expressão utilizadas pelos falantes da região.

Tabela 1 - Quando você sente um cheiro desagradável em alguém ou algo o que costuma dizer?

Colaboradores	Respostas
1	fedor e fedendo
2	fedor, inhaca, tá podre e fedendo
3	fedendo e pitui

4	fedida, fedendo e mau cheiro
5	fedendo e mau cheiro
6	inhaca e fedendo
7	mau cheiro, cheirando mau e fedendo
8	fedendo e fedorento
9	fedendo
10	cheirando mau
11	fedendo

Fonte: Organizado pela autora (2026)

Os dados apresentados no quadro acima constataam que a expressão mau cheiro apresenta uma diversidade de variantes, como por exemplo: Fedendo, fedor, inhaca, cheirando mau, fedorento, fedida, pitui, podre. Sendo importante frisar que a maioria conseguiu trazer mais de um repertório interessante de palavras para se referir à expressão mau cheiro, durante as entrevistas.

De acordo com os dados quantitativos, as variantes **fedendo (10)**, **mau cheiro (3)** e **fedor (3)** são mais frequentes entre os participantes para se referirem a um cheiro desagradavel, sendo que a expressão “fedendo” é mais utilizada pela maioria. Como mostra o quadro a seguir:

Tabela 2 - As variantes mais frequentes com base na faixa etária e Gênero/sexo

Variantes Frequentes	Faixa Etária	Masculino	Feminino
Fedendo	18 a 26 anos	3 colaboradores	4 colaboradores
	27 a 36 anos	2 colaboradores	0
	47 a 56 anos	0	1 colaborador

Mau cheiro	18 a 26 anos	2 colaboradores	0
	27 a 36 anos	1 colaborador	0
	47 a 56 anos	0	0
Fedor	18 a 26 anos	0	2 colaboradores
	27 a 36 anos	0	0
	47 a 56 anos	0	1 colaborador

Fonte: Organizado pela autora (2026)

Entretanto, é necessário interpretar os resultados da pesquisa com cautela, pois a amostra é reduzida e apresenta distribuição desigual entre as faixas etárias e os gêneros.

Observou-se nas respostas dos colaboradores nas faixas etárias entre os 18 a 26 anos e 27 a 36 anos, que houve maior frequência da variante **fedendo**, sendo do sexo feminino a quantidade de 4 colaboradores que pertencem à faixa etária entre os 18 a 26 anos e 3 colaboradores do sexo masculino, que apesar de poucos participantes, já demonstra uma diferença importante, principalmente por fazerem parte do grupo mais jovem. A faixa etária entre 27 a 36 anos, pode-se observar que 2 colaboradores do sexo masculino se utiliza da expressão, enquanto nenhum colaborador do sexo feminino pertecente entre estas idades participaram da entrevista, o que dificulta uma comparação precisa, que já que não se pode fazer generalização dos dados.

Entre as idades de 47 a 56 anos, apenas 1 colaborador do sexo feminino respondeu fedendo como uma das expressões que mais fala em sua dia a dia, e nenhum do sexo masculino pertecente a esta faixa etária participou da entrevista. Para expressão **mau cheiro**, apenas os colaboradores do sexo masculino participaram da entrevista, sendo 2 participantes entre 18 a 26 anos e apenas 1 entre 27 a 36 anos, o que se torna difícil fazer analisar ou comparar os dados entre si.

E por último, entre as faixas etárias de 18 a 26 anos, apenas 2 colaboradores do sexo feminino utilizaram a palavra **fedor** para denominar um cheiro desagradável, e nenhum colaborador do sexo masculino participou da entrevista, o que mostra mais uma vez dificuldades para se comparar os dados entre si, em relação a esta expressão, e apenas 1 colaborador do sexo feminino, entre as idades de 47 a 56 anos se utilizou desta palavra em sua

entrevista. De modo geral, observa-se que em termos quantitativos há menos dados para se analisar e fazer determinadas comparações, mas até aqui pode-se entender que o grupo mais jovem costuma utilizar a expressão fedendo para se referir a mau cheiro.

Situações de uso das palavras pitiú/fedor/mau cheiro

A tabela abaixo contém um panorama geral das situações em que as expressões acima são utilizadas.

Tabela 3 - Em que situações você utiliza a palavra pitiú/fedor e mau cheiro?

Variantes	situações em que são usadas
Pitiú	comida, peixe, peixe estragado, cobra, frango, quando chove, pessoa com suvaqueira, vala, cultura, ver-o-peso
Fedor	Carne podre, animal morto, para se referir a alguém, espaço abafado, perto lixão, fezes de animal, pessoa suada
Mau cheiro	Pressentimento ruim, lugar abafado, para se referir a alguém de forma mais culta, ambiente, material orgânico se decompondo, animais mortos, usado de forma geral

Fonte: Organizado pela autora

A palavra **pitiú** apresentou um comportamento semântico específico. A maioria dos participantes associou essa forma lexical ao cheiro de peixe, frango ou outros produtos de origem animal. O Colaborador 2, ao ser questionado, respondeu que usa frequentemente o pitiú para situações que envolvem comida, como consta a seguir:

bom...o pitiú quando é pra comida né...como é o caso do frango e peixe...quando entro no mercado já sinto aquele pitiú do peixe ou quando a gente come ele e fica aquele cheirinho de pitiú nas mãos...e do frango quando vou tratar ele...acho que quase todo mundo né filha, diz assim... parece que a gente daqui fala mais assim. (Colaborador 2, entrevista, 9 de jul. 2025)

O relato do colaborador 2 mostra que a variante pitiú está diretamente associada às questões de preparo ou comercialização de alimentos de origem animal. É interessante

também notar que ao expor “parece que a gente daqui fala mais assim”, o entrevistado reconhece que a variante utilizada por ele é mais característico do falar local. Essa percepção realça a afirmação de que “a língua utilizada pelos indivíduos representa as particularidades linguísticas e culturais de sua comunidade, de seu meio sociocultural e da região em que vivem.” (Costa, p. 181, 2024). Deste modo, compreende-se que o uso de pitú remete, principalmente, as experiências culturais do falante, ou seja, o lugar em que o indivíduo está inserido influencia nas suas escolhas linguísticas, bem como exemplifica a autora:

Tendo em vista que a língua é também um produto cultural da comunidade, e, dentre os níveis da língua, o léxico é um dos mais afetados pelas influências socioculturais, o estudo sobre o léxico poderá evidenciar aspectos bastante significativos da correlação entre a língua e a diversidade regional e social. (Costa, p. 129, 2024).

Nesse sentido, os resultados obtidos revelam que o termo pitú mantém forte relação com as práticas culturais e econômicas características do município de Bragança, conhecido por sua intensa atividade pesqueira. Porém, não significa necessariamente que o termo é exclusivo do município, pois outras regiões do norte podem fazer o uso dessa variante em seu cotidiano.

Enquanto a palavra **fedor**, os participantes associaram a pessoas, animais mortos, lixo, ambientes fechados e materiais em decomposição. O colaborador 11, por exemplo, afirmou:

fedor quando alguém está suado ou está transpirando ((risos)).
(Colaborador 11, entrevista, 7 de fev. 2026).

Já o colaborador 10 expressou:

o fedor eu diria mais dos lixos que ficam pelas ruas né.
(Colaborador 10, entrevista, 7 de fev. 2026).

O entrevistado relaciona o cheiro proveniente de resíduos encontrados nas ruas. Os resultados dialogam com a afirmação de Biderman (p. 13, 2001) de que “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo, ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Dessa forma, os dois colaboradores agrupam dentro do mesmo campo lexical, diferentes experiências olfativas, na qual, fedor é usado no sentido mais amplo, designando cheiros que são considerados desagradáveis.

A expressão **mau cheiro** foi frequentemente associada a contextos considerados mais formais ou neutros, como consta no relato, no qual o participante utiliza:

(...) quando me sinto mais à vontade e falo de um jeito mais culto assim...mais respeitoso...perto de outras pessoas.” (Colaborador 3, entrevista, 10 de jul. 2025).

Neste sentido, a variante é atribuída com valor social, o seu uso reflete diretamente na forma como ela entende que deve se adequar às situações. A escolha linguística do falante, em específico, revela uma preocupação com a imagem diante dos interlocutores. Assim, Mollica (p. 13, 2015) pontua “Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras”. Dessa forma, a expressão mau cheiro ocupa o lugar de grande prestígio, quando relacionado a situações de maior formalidade, assim como foi observado no relato do colaborador 3.

Em concordância com que foi exposto pela colaboradora citada acima, no que refere soar inconveniente, o colaborador 4 afirma:

normalmente eu não costumo dizer nada...porque se eu falar que a pessoa tem um mau cheiro ou tá fedendo...isso vai soar desagradável...tanto pra pessoa quanto pra mim...então normalmente quando a pessoa está com esse mau cheiro eu costumo me calar... não tecer comentários pra pessoa. (Colaborador 04, entrevista, 29 de Jul. 2025).

O entrevistado demonstra a mesma preocupação: o efeito social que a escolha linguística produz. Para evitar o constrangimento na interação com o outro, é da preferência do participante ficar em silêncio. Nota-se que os próprios falantes atribuem diferentes valores sociais às variantes disponíveis, reconhecendo graus distintos de formalidade entre elas, reconhecendo e compreendendo que há outras maneiras de expressar o que pensam e sentem, avaliando quando é socialmente adequado usá-las.

Inicialmente, podemos destacar o reconhecimento de que há variação na linguagem e de que as pessoas alternam seus modos de fala devido a condicionamentos tais como: a) relações simétricas ou assimétricas entre falante e interlocutor, particularmente, relações de poder e solidariedade; b) contexto social (casa, escola, trabalho, igreja, vizinhança); c) tópico discursivo. Labov (2003 apud Coan e Freitag, 2010, p. 178)

Dessa maneira, a escolha lexical dos falantes são influenciadas também pela preservação das relações interpessoais. Os dois afirmaram, portanto, que costumam pensar na palavra naquele momento, mas, por receio de ser inconveniente e por se tratar de uma pessoa mais próxima, os participantes tentam suavizar a tal expressão, optando por outra que seja menos bruta.

Assim, a palavra **pitiú** merece destaque devido ao significado específico atribuído pelos colaboradores. Diferentemente de **fedor** e **mau cheiro**, que foram associadas a uma

ampla variedade de situações, pitiú apresentou um campo semântico mais restrito e fortemente vinculado ao universo da pesca e dos alimentos de origem animal. Grande parte dos entrevistados associou essa variante ao cheiro de peixe, frango, feiras livres e mercados. Tais associações sugerem que a variante ultrapassa uma simples função de designação lexical, assumindo também um papel de representação cultural da região Norte.

Nesse sentido, os resultados permitem compreender que a variante pitiú constitui não apenas uma forma de nomear um cheiro desagradável, mas também um elemento representativo da identidade linguística local. Sua recorrência nas entrevistas evidencia a influência do contexto histórico, econômico e cultural de Bragança na constituição do léxico utilizado por seus habitantes.

Outras variantes mencionadas

Tabela 3 - você conhece alguém que costuma falar outras palavras além das três mencionadas na pergunta anterior? se sua resposta for sim...diga qual seria essa palavra/expressão

Colaboradores	outras variantes
1	Cheirando a cachorro molhado, murrinha
2	Catinga
3	Catinga
4	Não conhece
5	Catinga
6	Tá podre, cheiro de xixi
7	Não conhece
8	Não conhece
9	Inhaca podre, credo

10	Não conhece
11	Saó

Fonte: Organizada pela autora (2026)

Além das variantes mencionadas anteriormente, foram registradas formas menos frequentes, como inhaca, catinga, cachorro molhado, saó e murrinha. Destaca-se a última, pois ela apresenta vários significados interessantes dependendo do contexto. Por exemplo, pode indicar que uma determinada pessoa é chata ou desagradável, assim como mostra no dicionário português (2026) “sentimento de tristeza, desânimo, melancolia leve, mau humor passageiro, estado de irritação, birra”. Também pode significar algo relacionado a moleza no corpo ou uma doença específica dos animais, principalmente nas galinhas. Uma outra situação que é o foco de análise desta pesquisa, é que ela pode significar “alguém fedido” ou “mau cheiro” de acordo com o dicionário informal (2009) e tal como respondeu a colaboradora 1:

sim aqui em casa por exemplo o papai utiliza muito o...deixa eu ver...isso tá cheirando a cachorro molhado ((risos)) isso tá com cheiro de cachorro molhado...e também a mamãe usa a expressão murrinha. (...) sim, murrinha...acho que é só o que conheço...pra dizer que alguém tem mau cheiro...pela sua cara...talvez nem conheça essa palavra né...ela é diferente mesmo (Colaborador 1, entrevista, 9 de Jul. 2025)

As variações lexicais com base nos fatores extralinguísticos em relação a percepção dos colaboradores

A participante pertencente à faixa etária de 47 a 56 anos apresentou um repertório lexical diversificado, mencionando variantes como fedor, inhaca, tá podre, fedendo, pitiú e mau cheiro. Outro aspecto relevante é sua percepção acerca das diferenças linguísticas entre gerações: "acho que cada um fala de um jeitinho diferente né filha...não vê as meninas? são jovens e eu velha aqui ((risos)) elas falam de um jeito e eu de outro" (Colaboradora 2, entrevista, 9 de jul. 2025). O relato sugere que a própria participante reconhece a idade como um possível fator relacionado às escolhas linguísticas.

Porém, como foi mencionado anteriormente, apenas essa colaboradora faz parte dessa faixa etária, o que impede afirmar, de fato, se as variantes identificadas são exclusivamente utilizadas pelos falantes mais velhos. Dessa forma, é importante frisar que a análise aponta para apenas para uma tendência percebida entre os informantes, evitando generalizações em relação à faixa etária como fator de escolha lexical. Assim, os participantes afirmaram perceber diferenças entre as gerações. A Colaboradora 1 destacou que cada geração possui formas próprias de se expressar e que determinadas expressões tendem a ser modificadas ao longo do tempo. De modo semelhante, o Colaborador 4 afirmou:

(...) já na questão da idade...pessoas mais velhas elas tendem a manter o uso de palavras tradicionais e regionais...como o pitiu...enquanto que os mais jovens exposto a essa linguagem da mídia sociais podem acabar preferir usar termos mais neutros...como o mau cheiro...em questão de gênero também...pode ter alguma variação...mas não sei...pode ser menos marcante...por exemplo as mulheres podem preferir uma palavra mais elegante digamos assim né e os homens podem preferir uma palavra mais brusca...mais grosseira...e podem acabar utilizando palavras nesse sentido né...mas assim no geral eu acredito que pode variar de acordo com idade...sexo...gênero ou região...acho que influencia na escolha dessas palavras. (Colaborador 4, entrevista, 29 de Jul. 2025)

Com relação a isso, é possível compreender que o comportamento linguístico sofre alterações de acordo com a posição social que o indivíduo se encontra (Labov, p. 140, 2008). Essa percepção também foi observada no discurso do Colaborador 7, que relacionou o uso da palavra pitíu principalmente aos falantes mais velhos e aos indivíduos inseridos em contextos específicos da comunidade.

varia...varia porque eu acho que por exemplo...pitíu né...eu já viajei por outros estados né por questões do meu trabalho...e aí tem muita coisa que a gente usa aqui e sobretudo na linguagem do dia a dia mesmo que lá...tipo assim...(é bem pensado não) é nem tocado...que a pessoa nem sabe o que é...pitíu é uma dessas coisas...por exemplo...na minha cidade que é Primavera...é:...não é todo mundo que usa essa palavra pitíu...aqui em Bragança eu já vejo com mais frequência do que lá...só que tudo com os mais velhos assim...mais velhos no sentido de idosos né...as pessoas que estão a beira dos vinte anos de idade eles usam mais quem tem dez ou catorze anos...por exemplo...entendeu? e aí eu acho que o contexto e a realidade também...porque é pra mim eu vejo Bragança as pessoas utilizam mais é essa linguagem mas sobretudo próxima da costa...por exemplo...perto da orla...próximo da praia...quem trabalha com peixes ou que vende...acabam utilizando mais que outras pessoas que não estão ligadas naquele contexto. (Colaborador 7, entrevista, 16 de set. 2025)

A maioria dos entrevistados reconheceu que diferentes localidades utilizam formas distintas. O Colaborador 7 observou, por exemplo, que a utilização dessa variante ocorre com maior frequência em Bragança do que em sua cidade de origem, enquanto o Colaborador 4 a classificou como uma palavra regional amplamente usada no Pará. Isso pode evidenciar o nível de instrução influencia, visto que ambos os colaboradores mencionados acima possuem,

respectivamente, o ensino superior completo e incompleto. Estes ressaltaram que determinadas variantes, especialmente pitiú, são mais frequentes na região Norte e apresentam forte identificação com o contexto cultural paraense, essas percepções dialogam diretamente com afirmação a seguir:

O nível lexical constitui-se em um campo de estudo privilegiado para o conhecimento, não apenas de aspectos eminentemente linguísticos, como também pode revelar marcas culturais próprias de determinados grupos sociais e de diferentes regiões geográficas do país. (Costa, p. 182, 2024)

De modo geral, observou-se que fatores como escolaridade e ocupação parecem influenciar a percepção dos falantes acerca dos diferentes valores sociais atribuídos às variantes e dos contextos em que elas são empregadas. Contudo, os poucos dados não permitem afirmar com precisão se esses fatores são determinantes para as escolhas lexicais dos entrevistados. Dessa forma, embora este fator em específico não tenha se mostrado decisivo na distribuição das formas lexicais registradas, ele contribui para compreender, mesmo que forma restrita, como os falantes avaliam e interpretam os usos da língua em seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a variação lexical da expressão "mau cheiro" no município de Bragança/PA, buscando identificar as variantes utilizadas pelos falantes e compreender a influência de fatores sociais em suas escolhas linguísticas. Os dados não foram suficientes para uma comparação mais aprofundada por possuir desequilíbrio entre os gêneros feminino e masculino, que poucos não participaram das entrevistas em relação às faixas etárias estabelecidas, porém, os resultados, especialmente em termos qualitativos, permitiram constatar a existência de diferentes formas de nomeação para um mesmo referente, evidenciando a heterogeneidade linguística presente na comunidade investigada.

Logo, a análise demonstrou que essas variantes não são empregadas de maneira aleatória, mas refletem experiências sociais e culturais compartilhadas pelos falantes. Nesse sentido, as variantes fedendo, fedor, inhaca, cheirando mau, fedorento, fedida, pitiu, podre foram identificadas, assim como, murrinha, catinga e cachorro molhado, em relação às perguntas de caráter qualitativo.

Podemos observar também que de acordo com os poucos dados coletados entre as variantes fedendo, mau cheiro e fedor, a primeira citada foi a mais utilizada pela maioria dos entrevistados, não importando os fatores como a idade, o gênero e o nível de instrução. Nesse sentido, a variante pitiú mostrou-se especialmente significativa por sua associação com a atividade pesqueira e com elementos característicos da realidade bragantina, revelando a estreita relação entre língua, cultura e identidade local.

Além disso, observou-se que os próprios participantes reconhecem a existência da variação linguística e atribuem diferentes valores sociais às formas disponíveis, percebendo algumas delas o mais formais, respeitadas ou adequadas a determinados contextos de interação. Os resultados obtidos corroboram com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, especialmente no que se refere à compreensão da língua como um fenômeno heterogêneo, dinâmico e socialmente condicionado. Assim, o estudo contribui para a ampliação do conhecimento sobre a variação lexical no português brasileiro, ao mesmo tempo em que valoriza o falar bragantino e reforça a importância de pesquisas voltadas à região da Amazônia paraense.

Os resultados expostos até aqui confirmam a existência de variação lexical no município de Bragança/PA, uma vez que diferentes formas são empregadas para designar um mesmo campo semântico. Conforme propõe a Sociolinguística Variacionista, a coexistência dessas variantes demonstra que a língua não constitui um sistema homogêneo, mas apresenta diferentes possibilidades de realização condicionadas por fatores linguísticos e sociais.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. VOL. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p.21-47.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.

CAMACHO, Roberto G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda;

COSTA, Geisa Borges da. Denominações para feitiço no falar amazônico: um estudo a partir de dados do projeto ALIB. Revista textura, v. 26, n. 67, p. 180-209, jul./set. 2024.

COELHO, I et al. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE Jorge; BARROS Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

FREITAG, R. M.; LIMA, G. O. S. Sociolinguística. CESAD-Centro de Educação Superior a Distância. São Cristóvão/SE. 2010.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ufr.br/rep/article/view/e202114>. Acesso em: 28 jan. 2026

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 16, n. 2, p. 261–275, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/83852>.. Acesso em: 15 jan. 2026.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (orgs). Introdução à sociolinguística: o trabalho da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TARALLO, Fernando. ALTMAN, Cristina. Variação e mudança no português: análises sociolinguísticas. Campinas: Pontes Editoras, 1987.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática; 2001.